



## PRESENÇA FEMININA NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO IFSULDEMINAS

Eixo Temático: **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE**

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA**

Marcela Almeida da Silva<sup>1</sup>  
Tainá Teixeira Furtado<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta a trajetória das mulheres em sua luta por reconhecimento. Para isto, mapeou-se a presença feminina em todo corpo docente do IFSULDEMINAS e discentes do curso de Licenciatura em Matemática. Apresenta-se também alguns fatores históricos e culturais que podem influenciar a inserção e permanência da mulher na carreira acadêmica. O trabalho é de caráter descritivo e exploratório, dividido em dois momentos. No primeiro momento foi analisado a quantidade de docentes na área de Matemática do IFSULDEMINAS, focando no número de mulheres. No segundo momento, analisou-se o número de discentes ingressantes, concluintes e com matrícula ativa em Licenciatura em Matemática nos três campi que ofertam este curso: Inconfidentes, Passos e Pouso Alegre. Nos três campi observou-se predomínio de homens em relação as mulheres entre os docentes. Entre os alunos, há um maior equilíbrio entre homens e mulheres, mesmo assim, a quantidade de homens é superior à das mulheres.

**Palavras-chave:** Docência. Matemática. Presença Feminina.

### INTRODUÇÃO

A relação do ser humano com a Matemática é muito antiga e surgiu da necessidade que os homens tiveram de contar objetos e implementar ações no seu dia a dia a partir da evolução de sua espécie.

Dentro de diversas civilizações anteriores ao século XIX, as funções de homens e mulheres foram definidas. Homens ganharam o privilégio de ter uma educação científica e a mulher, um papel secundário sustentando uma condição subalterna e mantendo um modelo social limitante, exclusivamente, confinadas ao espaço doméstico (SILVA, 1998).

Este pensamento excluiu um grande número de mulheres no estudo da matemática. “A mulher era vista como uma criatura que Deus pusera no mundo com a única finalidade de servir ao homem, ter filhos e prepará-los para a vida, garantindo o bom funcionamento do lar” (GOLDENBERG & TOSCANO, 1992, p. 26).

Em 1848, iniciou a primeira onda feminista no mundo. Ocorrida nos EUA, duas mulheres indignadas por terem sido barradas em um evento contra a escravidão, saíram com uma convicção ainda maior da necessidade da luta por mais direitos para as

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Ambientais – UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas.

<sup>2</sup> Mestranda em Ecologia – UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei.



mulheres. Suas principais pautas eram a luta pelo direito ao voto e o ingresso da mulher no mercado de trabalho. A partir deste momento, outros movimentos feministas foram surgindo no mundo e as mulheres começaram a lutar e garantir alguns direitos.

Foi apenas durante o Império (1837 - 1889), com o surgimento do Movimento Feminista no Brasil que o direito à educação da mulher foi reconhecido. Este movimento busca, até os dias atuais, o respeito aos direitos da mulher e a igualdade entre os gêneros (FAHS, 2018).

No campo científico, a participação das mulheres muitas vezes foi ignorada. No Século XIX houve uma evolução que abriu um pouco mais o espaço para as mulheres, porém de forma muito sutil e sempre escrita pelo ponto de vista masculino (PERROT, 2015). Alguns projetos eram escritos por homens e mulheres, mas não havia fontes para contar a história das mulheres, elas permaneceram invisíveis por muito tempo.

A inserção da mulher em universidades (docentes e discentes), por volta de 1870, contribuiu para o surgimento de mais pesquisas sobre elas e o movimento feminista ajudou para essa consolidação, ao levantarem debates sobre as relações de gênero e o papel das mulheres na sociedade (PERROT, 2015).

No final do século XIX, a mulher conquistou o direito à docência mas, somente lecionando para meninas. Esta limitação se deu pelo fato de que, para as mulheres, foi reservado o direito a algumas leituras como economia doméstica, religião e artes.

Até os dias atuais, a inserção das mulheres no mundo do trabalho, em específico na docência, ainda trás diversas barreiras. Assim, este trabalho objetivou mapear a participação feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática do IFSULDEMINAS descrevendo a distribuição das mulheres como docente e discente. O estudo pretende contribuir para a discussão sobre a participação das mulheres nos cursos de Licenciatura em Matemática, devido a importância do acesso das mulheres às universidades, contribuindo para a redução da desigualdades de gênero no mercado de trabalho e na organização da sociedade em geral.

O artigo resgata pensamentos de autores como Melo e Oliveira (2006) e Almeida (2006) entre outros que se pendem em compreender o caráter simbólico das desigualdades no sistema de ensino, trazendo a evolução da educação no Brasil, a inserção da mulher no ensino e algumas contribuições deixadas por elas. Buscou-se também mostrar a disparidade no número de homens e mulheres tanto como alunos de Licenciatura em Matemática quanto como docentes do IFSULDEMINAS.

Segundo Melo e Oliveira (2006), quando se analisa o crescimento da educação, da ciência e da tecnologia nos últimos anos os créditos vão para o gênero masculino mesmo havendo um aumento da participação das mulheres nas atividades científicas. Isto mostra que ainda existe desigualdade de gênero em diversos setores da sociedade inclusive na educação.

Atualmente, com a grande quantidade de trabalhos sobre as e a ciência, mostra-se uma preocupação com relação às questões de gênero, especificamente, ao gênero feminino. Ainda existe muita discriminação em relação à mulher na ciência. Isso fica claro, analisando o número de mulheres que ocupam uma posição na área científica tecnológica ser inferior ao número de homens (RODRIGUES, 2021).



## **Educação no Brasil Colônia**

Entre os períodos do Império e Republicanos, nos séculos XVIII e XIX, a instrução feminina não era valorizada e as mulheres eram impedidas de ocupar ambientes sociais e saírem desacompanhadas (ALMEIDA, 2006, p. 70).

Nos artigos 12 e 13 do decreto de 1827, entre os critérios estabelecidos para uma provável aprovação da mulher para docência estava a necessidade de serem brasileiras, honestas e que tivessem desempenho satisfatórios nos exames, acerca dos vencimentos tanto os homens como as mulheres teriam igualdade de direitos, no entanto, as docentes não poderiam lecionar aritmética e geometria ao sexo feminino:

Apesar da lei de 1827 determinar a criação de escolas para meninas, as poucas mulheres que se dedicavam ao aprendizado eram em grande parte segregadas do processo educativo escolar, reforçando a ignorância das mulheres brasileiras durante o período do Império, o que afetava diretamente a formação profissional das que se interessassem pelo magistério (PAIVA, 2003).

## **Mulheres no magistério**

Ao passar dos séculos e através da evolução do setor econômico, vetor histórico das grandes e pequenas revoluções sociais, foi estabelecido ao gênero masculino outras possibilidades de trabalho, fazendo-o se afastar do magistério inserindo gradativamente as mulheres na docência. Esse processo de modernização vivenciado no Brasil através do desenvolvimento da sociedade urbano industrial foi importante para a redefinição de papéis e relações sociais de homens e mulheres, sobretudo das mulheres com a reconstituição de novos papéis para elas (SILVA, 2012).

Apesar de todas essas barreiras, as mulheres foram ocupando cada vez mais o magistério, reforçando o processo de feminilização da docência, resultando em um quadro que, em 1933, as mulheres já representavam a maioria absoluta dos docentes, 48.517 professoras no ensino primário contra 9.182 professores. Esse número mais elevado de mulheres concluindo o ensino primário talvez se relacione com o ingresso na carreira do magistério, função que demandava, ao menos nos grandes centros urbanos, o diploma do curso primário (GOUVEA e SCHUELER, 2012). Além disso, a Escola Normal era uma das poucas oportunidades, senão a única, onde as mulheres prosseguirem seus estudos além do primário (Demartini; Antunes, 1993, p. 6).

## **Mulheres no ensino superior**

Após conquistar o magistério, as mulheres continuaram lutando para serem inseridas nos cursos superiores, que por muitas gerações foram ocupados exclusivamente por figuras masculinas.

Em 1879 as mulheres adquiriram o direito ao ingresso no Ensino Superior através da reforma Leônicio Carvalho, embora já existisse relatos de algumas mulheres que frequentaram este nível de ensino, sobretudo no curso de Medicina. Pode-se considerar como um marco do acesso feminino ao nível superior brasileiro, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (FFCL), foi estruturada não visando a profissionalização e, desta forma, não feria o ideário familiar da época. (TRIGO, 1994).

Naquela instituição tivera início um novo ciclo para o ensino e desenvolvimento das matemáticas no Brasil, livre, por exemplo, das influências do positivismo comtiano. Nela fora criado um curso de graduação em matemática, formando exclusivamente



matemáticos e professores de matemática para o ensino superior e para o ensino secundário. Um fato novo no país dos bacharéis (SILVA, 1998, p. 51)

A presença feminina no ensino superior sofreu grandes mudanças desde a fundação da FFCL de São Paulo e, em poucas décadas, as mulheres conquistaram seu espaço na universidade, sendo responsável pela maioria das matrículas nas últimas décadas do século XX. Porém, estas matrículas se concentravam em cursos considerados tradicionalmente femininos, como Pedagogia e Enfermagem, sendo pouco expressivo nos cursos de Ciências Exatas (GODINHO, 2005)

Nas universidades paulistas até 1990 a presença feminina entre os concluintes na graduação em Matemática variava entre os cursos, no Bacharelado em Matemática era de 66% dos concluintes, na Licenciatura em Matemática 74% dos concluintes e no curso de Matemática Aplicada era de 51% dos concluintes (CAVALARI, 2010)

Independentemente da instituição e dos cursos, é perceptível que as mulheres são mais numerosas entre os concluintes dos cursos de Licenciatura em Matemática nas universidades. Este fato pode estar relacionado com o processo de “feminização” do magistério que é expansão da mão-de-obra feminina nos postos de trabalho em escolas e nos sistemas educacionais (ALMEIDA, 1998).

### **Presença feminina na carreira acadêmica**

Há uma forte tendência brasileira e mundial de as mulheres ocuparem cargos secundários na hierarquia acadêmica e, à medida que aumenta a hierarquia acadêmica, diminui a presença feminina (TABAK, 2002).

Nos cursos de Mestrado e Doutorado em Matemática Pura da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Campinas (UNICAMP), até 1990, a porcentagem de concluintes do sexo feminino variava entre 40% e 43%, o que revela que, embora as mulheres tenham conseguido atingir uma equidade numérica entre os discentes da graduação, na pós-graduação a realidade mostrou-se um pouco diferente. Já no Mestrado em Matemática Aplicada da USP e da UNICAMP, esta porcentagem variava entre 38% e 44% e, no Doutorado em Matemática Aplicada, oferecido, somente, pela USP não existiam mulheres entre os concluintes. A medida que se aumenta o nível de ensino, diminui-se a presença feminina, sendo assim, as mulheres estão mais presentes entre os concluintes da Graduação que do Mestrado ou Doutorado (CAVALARI, 2010).

### **Mulheres brasileiras na matemática**

As mulheres, em muitos momentos, encontram dificuldades de aceitação nos institutos nos quais trabalharam, e, muitas vezes se sentiram isoladas cientificamente, mas isso não as impediram de estarem presentes no meio acadêmico e, mesmo com pouco ou quase nenhum reconhecimento, elas marcaram a história da matemática (PÉREZ-SEDEÑO, 2000, apud ESTÉBANEZ, 2003).

Em meio às muitas mulheres que foram proibidas e até mortas, por se envolverem com o conhecimento, contrariando o que era esperado do sexo feminino, a história registra nomes de mulheres que se adversaram ao sistema opressor e conseguiram superar caminhos difíceis de percorrer, ou ainda, nunca antes percorridos.

É importante divulgar, além dos possíveis fatores que contribuíram para essa exclusão, a obra e a vida dessas mulheres, fazendo, assim, um breve relato biográfico de algumas das mais conhecidas matemáticas brasileiras que deixaram grandes contribuições para a área.



Maria Laura Mouzinho Leite Lopes (1917-2013) se tornou em 1949 a primeira mulher brasileira doutora em matemática na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, também foi a primeira brasileira a entrar como membro na Academia Brasileira de Ciências (ABC), em 1952. Contribuiu ativamente para formação de várias gerações de físicos e matemáticos, e para o aperfeiçoamento do ensino da matemática, participou de diversas palestras, congressos e outros eventos nacionais e internacionais. Ao longo de sua carreira como docente, escreveu diversos livros importantes, como o livro 'Fundamentação da matemática elementar. (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações 2017), (Mulheres na Matemática, 2020)

Ayda Inez Arruda (1936 - 1983), natural de Lages – SC graduou-se em Bacharelado e Licenciatura em Matemática na Universidade Católica do Paraná em 1959. Em 1966 obteve o título de Doutora em Matemática e em 1968, foi contratada como professora Titular da UNICAMP. Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Lógica (SBL) e do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência CLE – UNICAMP. (Mulheres na Matemática, 2020).

Luiza Amália de Moraes possui bacharelado e licenciatura em matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais (1965), mestrado pela Associação Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (1969) e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1977). Atuou como professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2013 é Professora Colaboradora junto ao Departamento de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faz parte do Corpo Docente Permanente da Pós-graduação em Matemática da UFRJ, exercendo atividades de acadêmico científicas no IM-UFRJ. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Análise Funcional e Análise Complexa, atuando principalmente nos seguintes temas: aplicações holomorfas e polinômios, álgebras de Banach e de Fréchet (homomorfismos, espectros e fronteiras). (Mulheres na Matemática, 2020)

Vera Lúcia Damasceno Tomazella graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Maranhão (1983), mestrado em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo (2003). Pós-Doutorado pela Universidade de Valência-Espanha (2006 a 2007) e Pós-Doutorado pela Universidade de Manchester-UK (2012). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de São Carlos; Coordenadora do Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Estatística UFSCar/USP; Conselheira da Associação Brasileira de Estatística-ABE; Membro eleita do ISI e membro do Comitê de Educação do IBS. Foi Presidente da ABE no biênio 2014-2016. Atua principalmente nas seguintes áreas: Análise de Sobrevivência e Confiabilidade, Modelos de Risco, Análise de Diagnósticos, Inferência Bayesiana, Modelos Não-Lineares. (Mulheres na Matemática, 2020)

Essas são apenas algumas das milhares de mulheres que enfrentaram e ainda enfrentam o preconceito da sociedade para deixar suas contribuições para o estudo da matemática.

### **O movimento feminista**

O feminismo é um movimento moderno, que surge a partir do contexto das ideias iluministas (1680-1780), com a Revolução Francesa (1789-1799) e Americana



reivindicando direitos sociais e políticos, com maior ênfase para a luta sufragista, através da mobilização de mulheres de vários países (OLIVEIRA; CASSAB, 2014).

Este movimento se divide em quatro ondas, sendo a primeira a mais famosa que ocorreu nas últimas décadas do século XIX, na Inglaterra. As mulheres se organizaram para lutar pelo direito ao voto promovendo grandes manifestações, sendo presas várias vezes e fazendo greves de fome. No Brasil, a primeira onda do feminismo foi liderada por Bertha Lutz, bióloga e cientista, iniciando a luta pelo voto. Esse direito foi conquistado em 1932 com o Novo Código Eleitoral Brasileiro (CISNE, 2015).

A segunda onda foi na década de 60, na Europa e nos Estados Unidos, onde as mulheres falam, pela primeira vez, diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres e mencionado a dominação de gênero. O feminismo aparece como um movimento libertário, lutando por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que a mulher tenha a liberdade e a autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. No Brasil, houve a música, que se revolucionava com a Bossa Nova. Em 1963, a esquerda partidária, os estudantes e o governo lutavam contra os militares, o governo norte-americano e a classe média. E em 1964, veio o golpe militar. Foi em um ambiente muito limitado que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. Em 1975, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que teve papel relevante na luta pela anistia e ocorreu em 1979. E em 1977, o divórcio passou a ser permitido por lei, garantindo às mulheres a liberdade de não permanecerem em um casamento que não desejassem (PINTO, 2010).

Nos anos 80, veio a terceira onda com a redemocratização do Brasil e o feminismo continuou lutando pelos direitos das mulheres abordando diversos temas como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais, entre outros (MIGUEL et al, 2014). Apesar de o movimento feminista brasileiro ter origem na classe média intelectualizada, ele se reuniu com as classes populares provocando novas percepções, discursos e ações para os dois lados. Sua maior vitória neste período foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM) em 1984 e resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo. Na década de 90, o foco dos movimentos feministas era aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política. Conseguiram então, as Delegacias Especiais da Mulher e a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006), coibindo a violência doméstica e familiar contra a mulher (MARQUES; XAVIER, 2018).

A quarta onda no Brasil é a que estamos vivendo atualmente e iniciou com a primeira Marcha das Vadias em 2011 iniciando no Canadá. Caracteriza-se com a mobilização construída e divulgada na internet; a interseccionalidade, articulando raça, gênero e classe social e a atuação por meio de coletivos. Ganhou repercussão em grandes campanhas virtuais anti-assédio e contra a cultura do estupro (SOLLE, 2015, apud PEREZ; RICOLDI, 2018).

Estes movimentos surtiram efeito em diversas áreas e a questão de gênero na Matemática também ganhou espaço com a realização das duas primeiras edições do Congresso Internacional de Mulheres Matemáticas como eventos satélites do ICM em 2010 e 2014, e que alcançou a criação do Committee for Women in Mathematics (CWM) da International Mathematical Union (IMU) em 2015 (BRECH, 2018).



## **MATERIAL E MÉTODOS**

Empregou-se, nesse trabalho, a pesquisa documental utilizando-se da base de dados da Plataforma Lattes do CNPq, site do IFSULDEMINAS, secretarias dos campi e buscas realizadas na internet para verificar o quantitativo de docentes e discentes do curso de Matemática.

Os dados foram separados por tópicos: Número de matriculados; Número de concluintes e cursando; Número de evasão e Nível de formação em Matemática dos professores segundo o gênero. Estes tópicos foram divididos e organizados em tabelas contendo sua frequência relativa.

Para a análise de dados, foram feitas comparações baseadas em amostras das frequências para compreender as semelhanças e diferenças nos resultados e procurando variações para estabelecer um princípio de variação no caráter ou intensidade nas semelhanças ou diferenças entre os casos.

### **Caracterização do local de estudo**

A presente pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS com foco na atuação dos docentes formados na área de Matemática e dos discentes dos cursos de Licenciatura em Matemática ofertado nos campi das cidades de Passos, Pouso Alegre e Inconfidentes.

#### **Campus Inconfidentes**

A Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes - MG tem sua origem em 1918 e em 2008 uma nova ordenação da Rede com uma proposta educacional inovadora, abrangendo todos os estados brasileiros, propôs criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia com a oferta de cursos técnicos, superiores de tecnologia, licenciaturas, mestrado e doutorado, surgindo assim o Campus Inconfidentes do IFSULDEMINAS que oferece no ensino superior 10 cursos, Especialização em 4 áreas e 6 cursos técnicos entre integrado e subsequente.

Em 2015, o Campus Inconfidentes passou a ofertar o curso de Licenciatura em Matemática visando a formação de docentes em nível superior para atuar na Educação Básica (Ensino Médio e Ensino Fundamental), no campo da Matemática, na gestão educacional dos sistemas de ensino e das unidades escolares de educação básica.

#### **Campus Passos**

O Campus Passos surgiu após o convênio entre a Prefeitura Municipal de Passos e o IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, estabelecido em 2010, sendo inaugurado em 2011. Oferece no ensino superior 6 cursos e no ensino técnico 4 cursos, entre integrado e subsequente.

O curso de licenciatura em Matemática passou a ser ofertado neste Campus a partir de 2015 objetivando suprir a carência da oferta desta formação em instituições públicas na cidade de Passos e região.

#### **Pouso Alegre**

O Campus Pouso Alegre foi implantado oficialmente em 10 de julho de 2010 com o propósito de oferecer educação técnica e tecnológica de qualidade, em todos os níveis, associada à extensão e pesquisa, dentro das expectativas e demandas de Pouso Alegre e



região e oferta, no ensino superior 4 cursos, Especialização em 5 áreas e 5 cursos técnicos entre integrado e subsequente.

A oferta do curso Licenciatura em Matemática teve início em 2015 visando superar o déficit docente no Ensino Médio da região do Campus.

### **Etapas de pesquisa**

A primeira etapa de levantamento constituiu-se na análise dos dados relativos ao ingresso das mulheres no curso de licenciatura em matemática, ofertado nos três *campi* do IFSULDEMINAS. Posteriormente, foi realizado o levantamento do número de mulheres concluintes em todas as turmas.

Na segunda etapa foi realizado o levantamento do número de docentes formados em matemática e seu contingente feminino.

Na terceira etapa foi realizada uma discussão sobre o material coletado.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por intermédio da coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática de Pouso Alegre, Estela Costa Ferreira, foi possível ter acesso ao número de alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Matemática nos três campi no período de 2015 a 2020.

A **tabela 1** permite a observação do número de matriculados neste curso entre os anos 2015 e 2020. Percebe-se uma predominância masculina nos três campi.

**Tabela 1** – Número de matriculados no curso Licenciatura em Matemática do IFSULDEMINAS (2015 -2020)

Anos	Matriculados					
	Inconfidentes		Pouso Alegre		Passos	
	M	F	M	F	M	F
2015	33%	67%	70%	30%	62%	38%
2016	47%	53%	60%	40%	55%	45%
2017	67%	33%	49%	51%	68%	32%
2018	62%	38%	61%	39%	59%	41%
2019	54%	46%	45%	55%	48%	52%
2020	48%	52%	69%	31%	47%	53%
Média	52%	48%	59%	41%	57%	43%

Fonte: Secretaria dos Campi

Após a análise dos dados, constatou-se que, do total de ingressantes de todos os campi, 44% são do sexo feminino e 56% do sexo masculino. Estes dados iniciais demonstram predominância dos homens. Se comparado com o total de ingressantes nos cursos superiores que estes campi ofertam, nota-se também a predominância masculina (55%)

Segundo alguns autores, mesmo a presença da mulher tendo aumentado no ensino superior, ainda existe discriminação, ocorrendo no processo de escolha das carreiras, fazendo com que mulheres optem por carreiras tipicamente femininas (Ávila e Portes, 2009).

A **tabela 2** apresentada a seguir mostra o número total de alunos concluintes e em curso, segundo o gênero de cada um, no período de 2015 a 2020. A tabela apresenta o





maior percentual médio de homens do que de mulheres no campus Inconfidentes e uma alternância de maioria percentual no campus Pouso Alegre, mostrando que mais homens não terminam o curso de Licenciatura em Matemática no período de 4 anos. Referente ao campus Passos, não obtivemos retorno para estas informações.

**Tabela 2** – Graduação – Número de concluintes e cursando Licenciatura em Matemática no IFSULDEMINAS (2015 - 2020)

Anos	Concluintes e cursando					
	Inconfidentes		Pouso Alegre		Passos	
	M	F	M	F	M	F
2015	43%	57%	46%	54%	..	..
2016	44%	56%	50%	50%	..	..
2017	67%	33%	43%	57%	..	..
2018	58%	42%	63%	37%	..	..
2019	51%	49%	46%	54%	..	..
2020	44%	56%	69%	31%	..	..
Média	51%	49%	53%	47%	..	..

Fonte: Secretaria dos Campi

Já quando se analisa o número de alunos concluintes e em curso, percebe-se que o viés de gênero se altera em um campus e, no outro campus, diminui a diferença. Para chegar a essa constatação, considerou-se os estudantes que concluíram o curso nos anos 2019 e 2020 e os alunos que ainda se encontram matriculados e/ou frequentes no curso, a fim de se obter uma visão geral da distribuição por sexo.

**Tabela 3** – Número de evasão no curso de Licenciatura em Matemática no IFSULDEMINAS (2015 - 2020)

Anos	Evidados					
	Inconfidentes		Pouso Alegre		Passos	
	M	F	M	F	M	F
2015	0%	33%	81%	41%	..	..
2016	55%	50%	65%	47%	..	..
2017	0%	0%	65%	38%	..	..
2018	55%	33%	44%	44%	..	..
2019	10%	0%	33%	36%	..	..
2020	15%	0%	0%	0%	..	..
Média	22%	19%	48%	34%	..	..

Fonte: Secretaria dos Campi

Observando a **tabela 3**, verifica-se um maior abandono do curso entre os homens. Segundo INEP, 2015 o Brasil possui uma taxa de evasão no curso de Matemática de 90%, gerando preocupação.

A pesquisa feita sobre os docentes do IFSULDEMINAS que possuem alguma formação em matemática mostra menor participação das mulheres. Dos 68 professores, 44 são homens (65%) enquanto somente 24 são mulheres (35%).



**Tabela 4** – Nível de formação em Matemática dos professores segundo o gênero

Campus	Nível de Formação										
	Graduação		Pós-Graduação		Mestrado		Doutorado		Pós Doutorado		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Inconfidentes	100%	0%	..	..	..	..	..	..	..	..	..
Machado	40%	60%	..	..	57%	43%	0%	100%	..	..	
Muzambinho	88%	13%	100%	0%	100%	0%	..	..	..	..	
Passos	33%	67%	100%	0%	100%	0%	67%	33%	0%	100%	
Poços de Caldas	..	..	..	..	100%	0%	50%	50%	..	..	
Pouso Alegre	50%	50%	80%	20%	100%	0%	33%	67%	0%	100%	
Carmo de Minas	..	..	..	..	0%	100%	..	..	..	..	
Três Corações	..	..	..	..	100%	0%	..	..	0%	100%	
<b>Total</b>	<b>61%</b>	<b>39%</b>	<b>86%</b>	<b>14%</b>	<b>83%</b>	<b>17%</b>	<b>36%</b>	<b>64%</b>	<b>0%</b>	<b>100%</b>	

Fonte: Plataforma Lattes

Com relação a formação acadêmica, nota-se que, quanto maior o nível acadêmico, maior a participação de mulheres. Os homens estão em maioria nas formações Graduação (61%), Pós-Graduação (86%) e Mestrado (83%) enquanto as mulheres tem maior participação em Doutorado (64%) e Pós-Doutorado (100%).

Segundo o Censo Escolar de 2020, o número de mulheres na educação infantil é de 96%. Quanto maior o nível escolar, menor é a participação da mulher como docente. Nos ensinos fundamental I, II e médio, elas estão representadas, respectivamente, em 88%, 67% e 58% (GORZIZA, 2021). Se compararmos com a análise da Tabela 4, esta tendência de redução na participação das mulheres em níveis de ensino maiores se confirma.

Com as análises trazidas por este trabalho, é importante um olhar diferente no curso Licenciatura em Matemática do IFSULDEMINAS, onde se possa averiguar o porquê de tamanha discrepância entre o número de homens e mulheres discentes, a grande evasão no curso e se essas alunas concluintes continuam como docentes em outras redes e níveis de ensino.

## CONCLUSÕES

Os estudos sobre as desigualdades de gênero dentro de universidades, alunos – professores, mostram uma desvantagem feminina à discriminação no local de trabalho e/ou às demandas sociais colocadas sobre as mulheres.

Nos últimos anos, houve um grande movimento contra as desigualdades de gênero no mundo, destacando o avanço na conquista de diversos direitos para as mulheres, buscando uma equidade de gênero. Assim, o principal objetivo desta pesquisa foi justamente o de compreender a forma como as desigualdades de gênero se estabelecem dentro do IFSULDEMINAS, entre os docentes e os alunos do curso de Licenciatura em Matemática, mapeando a presença feminina, justificando a importância do acesso das mulheres às universidades para alcançar maior equidade entre os gêneros no mercado de trabalho e na organização da sociedade em geral.

Esta pesquisa constatou percentuais acentuadamente diferenciados relativos à entrada e saída de homens e mulheres no curso. Os homens apresentaram uma porcentagem próxima aos 75% na entrada e de 50% na saída do curso, enquanto as



mulheres, mesmo sendo em menor número na entrada, possuem um percentual mais alto que a dos homens na saída, 67%.

Na análise dos dados sobre os docentes nos cinco níveis de formação científica – graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado há predominância masculina no total. Segregando os níveis, mostra o maior percentual de homens em relação às mulheres nos três primeiros níveis de qualificação. Nos dois maiores níveis de qualificação destaca-se o predomínio feminino, sendo o último nível, composto somente por mulheres.

Para estudos futuros, sugere-se realizar uma análise em todos os cursos de licenciatura do IFSULDEMINAS para ver se este resultado se repete ou se é um caso isolado e entender as áreas da licenciatura procuradas por homens.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.
- ALMEIDA, J. S. **Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX**. In: SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006 – Coleção Educação Contemporânea
- BECH, C. **O "dilema Tostines" das mulheres na Matemática**, Revista Matemática Universitária 54, São Paulo – SP, 2018;
- BRASIL. **Lei Imperial de 15 de outubro de 1827**. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br). Acesso em: 07 de agosto de 2020.
- CAVALARI, M. F. **A Matemática é Feminina? Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em Matemática do Estado de São Paulo**. UNESP - Rio Claro - SP, 2010
- CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil** – São Paulo: Cortez, 2015
- DEMARTINI, Z. B. F.; ANTUNES, F. F. **Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina**. Cadernos de Pesquisa, n. 86, p. 5-14, 1993
- ESTÉBANEZ, M. E. **As mulheres na ciência regional: diagnóstico e estratégias para a igualdade**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/10.shtml>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.
- FAHS, A. C. S. **Movimento feminista**. 27 de mar. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-feminista/> Acesso em 07 de agosto de 2020.
- GODINHO, T (Org.). **Trajetória da mulher na Educação Brasileira: 1996 – 2003**. Brasília: INEP, 2015. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso: 07 de agosto de 2020.
- GOLDENBERG, M.; TOSCANO, M. **A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- GORZIZA, A.; PILTCHER, A. S.; BUONO, R. **Há mais mulheres professora nas séries iniciais que nas séries finais**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/ha-mais-mulheres-professoras-nas-series-iniciais-que-nas-series-finais/>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.
- GOUVÊA, M. C. S.; SCHUELER, A. F. M. **Condições de instrução da infância: entre a universalização e a desigualdade**. In: ARAÚJO, J. C.; SOUZA, R. F.; PINTO, R. N. Escola primária na Primeira República (1889-1930): subsídios para uma história comparada. Araraquara/SP: Junqueira & Marin, 2012. p. 329- 361.



MARQUES, M C. XAVIER, K R L. **Gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil.** VI seminário CETROS. Crise e Mundo do Trabalho no Brasil, Desafios para a classe trabalhadora. 2018.

MELO, H. P.; OLIVEIRA, A. B. **A produção científica brasileira no feminino.** Cadernos Pagu, Campinas - SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2006;

MIGUEL, L. F. **Feminismo e política: uma introdução.** ed. Boitempo, São Paulo - SP, 2014.

Mulheres na Matemática. Disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/>  
Acesso em: 07 de agosto de 2020

OLIVEIRA, L. P. R. e CASSAB, L. A. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas,** Londrina – PR, 2014

PAIVA, J. M. **Educação Jesuítica no Brasil Colonial.** In: LOPES, E. M. T.; FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte – MG, Autêntica, 2003.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. **A quarta onda feminista: Interseccional, Digital e Coletiva.** Piauí, 2018.

PERROT, M. **Minha história das Mulheres;** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, História e Poder.** Curitiba – PR, v.18, n 36, p.15- 23, 2010.

Portal IFSULDEMINAS. Disponível em: <https://portal.ifsuldeminas.edu.br/index.php>  
Acesso em: 26 de novembro de 2020;

RODRIGUES, L. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 2021

SILVA, C. P. **A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento.** 2.ed., 1998.

SILVA, C. L. **Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno – suas implicações.** Revista Educação por Escrito, PUCRS, v.3, n.2, dez. 2012.

TABAK, F. O. **Laboratório de Pandora.** Rio de Janeiro, Garamond, 2002

TRIGO, M. H. B. **A mulher Universitária: Códigos de sociabilidades e relações de Gênero.** In. BRUSCHINNI. C.; SORJ, B. (Org.). Novos olhares: Mulheres e relações de Gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero; Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 89 – 110